

Entrevista com Maria José Costa

“A Revista é o elo de ligação”

Maria José Costa é professora de Matemática na Escola Secundária Augusto Gomes, em Matosinhos. Ao longo dos 28 anos da sua carreira, foi por diversas vezes orientadora de estágio. Participou em algumas reformas do sistema de ensino português, tendo-se dedicado especialmente na “reforma do unificado”, na qual sentiu que pela primeira vez era dado algum espaço à inovação metodológica. Concluiu há pouco tempo o mestrado em Matemática na Universidade do Minho, sendo a sua tese sobre a Trigonometria Plana do Almagesto.

A Maria José é sócia da APM desde 1987 e já integrou a Mesa da Assembleia Geral. Há cerca de três anos, participou numa entrevista na televisão sobre o “Insucesso em Matemática” e actualmente, é também ela que representa a Associação no Conselho Nacional de Exames do Secundário.

A Maria José recebe a Educação e Matemática desde o seu primeiro número, sendo uma das suas mais fiéis colaboradoras. Ao longo destes anos, escreveu por cinco vezes para a revista e nesta nossa conversa deixou prometidos dois outros artigos que esperamos poder ler em breve. A presente entrevista — a terceira da série dedicada aos dez anos da Educação e Matemática — foi conduzida por Ana Paula Canavarro.

EM- Tu já és sócia há muitos anos, recibes a revista desde o seu início e, inclusivamente, foste uma pessoa que, sobretudo na primeira fase da revista, escreveu diversos artigos...

Aquilo que começo por te perguntar é como é que tu vês a evolução da revista ao longo destes anos?

MJC- Dizes bem, tenho as revistas todas desde a número um até agora, vamos ver quando é que agora sai o próximo que é... o 39?

EM- Está quase pronto. Este ano decidimos acertar os trimestres referidos na capa com os trimestres reais!

MJC- O que eu te posso dizer sobre a evolução? Acho que foi positiva: tinha pouquinhas páginas agora tem muitas, tinha um aspecto gráfico não muito atraente, agora tem um aspecto gráfico atraente. Tem tido contributos variados, não são sempre as mesmas pessoas a escrever, acho isso um aspecto positivo. A inovação dos números temáticos acho que é bem acolhida, é uma boa ideia. Diversificar as capas é também importante — embora algumas não sejam muito felizes, no conjunto acho que há boas capas, também. Não sei se preferia o texto a duas se a três colunas, não sei, se calhar era capaz de preferir a duas colunas, mas reconheço que a apresentação dos artigos a três colunas é mais interessante, com a súmula lateral, dá outro aspecto e é

fácil de ler. Mas talvez me incomode um bocado serem linhas tão curtas, o que leva, obrigatoriamente, àquele formato zigzague à direita e isso não é muito...

EM- Isso é porque optamos por não fazer o alinhamento à direita, porque podíamos ter as colunas direitas.

MJC- Pois, mas também repara que, cada linha leva tão poucos caracteres, que se fizesses isso algumas linhas eram metade texto, metade furos e fica extremamente deslegante. Com o texto a três colunas, optar pelo modelo que está, só alinhado à esquerda porque se não aquilo fica mesmo feio, aquela mancha...

EM- Se fizesses um balanço em termos de aspectos positivos e dos que menos gostas da revista, que outros aspectos mais relacionados com o conteúdo é que tu consideras bem ou mal conseguidos?

MJC- Deixa-me só esclarecer uma coisa em relação às capas; a maioria acho que são boas. Sou capaz de não gostar de certas cores e algumas até fazem com que os índices fiquem esbatidos e não se consigam ler com clareza. Mas no conjunto acho que a maioria das capas é boa — aliás, eu estive a fazer uma revisão das capas a partir da entrevista da Leonor e não acho que sejam assim tantas as que são más! Agora outros aspectos que

tu referiste, acho que do ponto de vista de conteúdos... esqueci o que perguntaste... mas não faz mal (risos)

EM- Perguntei os aspectos que gostas da revista e também aspectos que não gostas, a nível de conteúdo.

MJC- Como é mais desagradável falar do negativo, vou começar por aí. Não gosto de publicidade, nem que seja às edições APM! Quando sai uma publicação pela primeira vez, seria bom fazer a introdução da obra, fazia-se a apresentação e se a capa justificasse, até podia sair a fotografia. Mas não se estava sempre a pôr isso, fazia-se uma listinha das publicações da APM num local próprio. Até podia pôr-se ao lado “Novo” assim como nas obras que estão esgotadas se podia pôr “Esgotada” para se saber se são obras que podem vir a ser reeditadas, ou até só para saber que a APM se debruçou sobre esse aspecto. Evidentemente, parte-se do princípio que quem lê a revista é interessado, vai ver, se lhe aparece um título novo, vai atrás procurar a apresentação. Isso evitava que durante não sei quantas revistas aparecesse uma página inteira com três fotografias a publicitar obras que já vem na anterior e na anterior...

EM- E outros aspectos?

MJC- Uma coisa que eu acho louvável na revista — porque eu detesto



Foto: Paula Canavario

continuados... continua na página tal, continua na página tal... Eu acho que tem que haver razões para se fazer isso, e de certeza que as há. Eu nunca estive metida numa coisa dessas, não sei avaliar por experiência, mas admito que tenha que haver continuados. Felizmente, a revista não tem muitos e ainda bem. Porque é uma coisa que eu detesto, o primeiro ainda leio, o segundo ainda sou capaz, mas o terceiro já não! Já acabei, já desisti, já não vou procurar mais. Acho que é desagradável, torna difícil a consulta.

EM- Nós também não gostamos.

MJC- Ainda bem, isso é bom sinal. Em relação a outros aspectos... Eu acho que as secções são boas, de um modo geral. Todas elas chamam bastante a atenção, têm muito interesse. O principal é... Há uma certa afinidade entre mim e a revista, entre mim e APM, no sentido do desenvolvimento e da implicação que ela tem na prática pedagógica, que acho que é sempre a parte mais importante da vida profissional. O resto não tenho grandes críticas a fazer do ponto de vista negativo. Do ponto de vista positivo, gosto da diversidade dos temas, da diversidade de autores e estar em cima do acontecimento, acho que isso tem

tudo sido conseguido.

EM- Tu achas que a revista tem estado em cima do acontecimento?

MJC- Ora bem, se analisarmos o que é que tem acontecido no país, no mundo da matemática e da educação, eu penso, que a APM, até tem tido momentos em que tem estado à frente, em algumas coisas. Acho que a APM esteve à frente na Reforma com o seminário de Milfontes; esteve à frente da inovação quando apelou tanto ao uso do computador e da calculadora na sala de aula. Esteve à frente na inovação quando apoiou projectos, que a revista depois divulgou. Acho que isso são tudo aspectos em que, se calhar, a APM tem

estado em cima ou até à frente. Não descuro, acho eu, o aspecto da Reforma Educativa, tem estado atenta à evolução dos programas. Se calhar, se em vez de termos uma revista trimestral, se fosse mensal, notar-se-ia mais o momento, talvez.

EM- Tu partilhas a opinião dos que dizem que a revista deve ser "vanguardista" em relação aquilo que se passa nas escolas?

MJC- Não... Eu, às vezes, tenho um bocado de medo dos rótulos. Pensando na minha própria experiência, eu acho que a revista foi motivadora para a inovação. Não foi motivadora a 100%, mas contribuiu para isso. Desse ponto de vista e em relação à minha prática, considero-a na vanguarda. Em relação ao estabelecido pelos diplomas também a considero na vanguarda: vai divulgando coisas que se passam dentro e fora do país, vai chamando a atenção para determinados aspectos, vai fazendo traduções de alguns artigos de autores de renome, com vista a divulgar determinados aspectos. E isto é estar na vanguarda, para mim. Agora se é a bandeira de qualquer movimento, etc., isso para mim é um bocado mais obscuro, não é assim tanto isso que me interessa. Interessam-me coisas

bem fundamentadas, coisas com viabilidade que se possam por na prática, que sejam exequíveis e compatíveis com a realidade. Agora andarmos para aqui todos, enfim, a combater as velas do moinho, acho que isso é insensato e não leva a lado nenhum.

EM- Que tipo de utilização é que tu fazes da revista?

MJC- Faço muita. Desde emprestá-la a quem precisa (risos), sejam alunos ou colegas, que me parece que é uma maneira de ser útil, a pensar nas coisas que lá estão escritas. Tem servido, às vezes, para eu repensar, para eu fundamentar mais as minhas ideias. Alguns artigos, não muitos, mas alguns, têm servido para eu utilizar na aula. Têm fornecido ideias para outros trabalhos.

EM- Podes dar-nos um exemplo de um artigo de que te lembres que tenha tido importância para a tua aula?

MJC- É um bocado difícil, porque eu fui uma "leitora militante" da revista até há um tempo atrás, depois fiz um intervalito, recomecei, e tenho tentado recuperar o que está para trás.

EM- Mas porquê, zangaste-te com a revista?

MJC- Não!.. Foi porque entretanto, enquanto estive a fazer o mestrado, não pude dispersar-me tanto. Tive que me concentrar mais e não podia estar a debruçar-me tanto, ainda por cima tendo em conta que as revistas, à excepção dos números temáticos, são polifacetadas. E isso levava-me a dispersar, porque como eu costume fazer uma leitura mais ou menos crítica, acabo por perder muito tempo a ler. E na altura que estava a fazer o mestrado isso era incompatível, tinha muito pouco tempo disponível. Portanto, a fase em que eu era leitora e utilizadora, de imediato, já está assim um bocado atrás na minha experiência. Porque é preciso ver que eu tenho 28 anos de trabalho! Apanhei já não sei quantas reformas como professora. Comecei a trabalhar ainda no tempo da matemática clássica. E apanhei tudo daí para cá, o que quer dizer que já são muitas! Tive que

fazer, em determinadas momentos, longos percursos sozinha. E não há dúvida que há apoios que têm maior relevância num dado momento do que mais tarde, quando estamos um bocadito mais seguros, ou pensamos que estamos, já não precisamos tanto da bengala. E a revista, num determinado momento, foi para mim a bengala, não há dúvida nenhuma. Agora, numa outra perspectiva, lembro-me, por exemplo, de uns materiais para a sala de aula, que tinham a ver com a trigonometria...

EM- Há um sobre marés e outro sobre estrelas.

MJC- Sobre estrelas — não sei se era da Susana... Eu depois compactei-o um bocadinho porque era muito longo, gastava muito papel.. Ele estava muito bem como ela o concebeu mas depois quando uma pessoa vai aplicar tem que ser adaptado. Se assim não for não sabemos trabalhá-lo como quem o imaginou. E desse ponto de vista eu faço sempre alguma adaptação. Esse foi dos que eu fiz adaptação. Mas a utilização que eu tenho feito, não é tanto do ponto de vista pontual; não é tipo causa-efeito, não é tiro e queda, pego nisto, aplico... É uma utilização mais global. Ainda há bocadinho, a folhear as revistas, vi um artigo sobre um audiovisual, sobre uma bobine do cinema, ou de uma cassete e eu pensei: "Ora aqui está uma boa ideia". São estes pequenos pormenores. Não posso dizer foi isto da página tal da revista não sei quantos, que foi para a aula x ou y. É o global, é esta troca de experiências, independentemente de quem a assina. Não quer dizer que não dê valor aos autores mas é esta troca que no fundo é anónima. Assim de momento, não estou capaz de me lembrar de uma coisa que eu tenha utilizado. Talvez umas ideias da história da matemática, daquele número temático, mas mais dentro desta filosofia do que propriamente pegar e levar. Ah! Agora estou a lembrar-me que este ano levei para a sala de aula, uma das primeiras revistas, precisamente a da dobragem do papel para chegar da terra à lua. A

ideia não foi partir da revista, mas foi utilizar os comentários e os testemunhos que as pessoas fizeram, as intuições das pessoas. Porque os meus alunos fizeram uns comentários e depois caíram, assim, um bocadinho no desânimo da sua ingenuidade! E eu mostrei-lhes, "não foste só tu, tem calma". Achei aquela revista ótima para isto, estás a localizar o artigo?

EM- Hum, hum... Portanto, tu lêes a revista e ficas com uma espécie de memória global do que lá está, e quando achas que aquilo pode ser útil, vais recuperar e adaptas, serve-te como uma base de ideias?

MJC- É isso mesmo. É uma base de ideias, não é uma base de dados, é uma base de ideias. Elas estão todas num arquivinho e às vezes só para recordar, pego nas revistas. E outras vezes é como tu dizes, é ter na memória que já alguém falou naquilo. Outras vezes não tenho ideia nenhuma e digo: "deixa-me lá ver se aqui tenho alguma ajuda" — e vou folhear as revistas. Durante alguns anos, enquanto estive a orientar estágio, as revistas também eram utilizadas na formação dos estagiários, no sentido de — "já viram o que vem aqui?", ou "a propósito disso, se calhar, não ficava mal ler-se o que vem aqui na revista". Às vezes na formação de professores vive-se muito da opinião e tudo o que é opinativo é mal aceite pelos outros. Mas se em vez de ser a opinião de uma pessoa for a de duas, ou em vez de ser oral for escrita, pode ser contestada, mas está ali e é um suporte para trabalho. Isso também é uma utilização da revista que eu acho importante. É preciso ver que alarga o conceito de matemática para muita gente e para mim também, não estou a pôr de lado a formação que ela me tem dado.

EM- De tudo aquilo que compõe a revista, existe alguma secção ou tipo de artigo que queiras destacar? Há algum que nunca te interesse?

MJC- Há alguns a que eu, realmente não presto quase atenção nenhuma, a não ser quando não tenho mais nada de ler, que são os dos outros ciclos.

Se numa certa altura está mais em discussão um aspecto qualquer, então aí abre-me mais a curiosidade pegar nessas coisas. Há, sem dúvida, artigos que me chamam mais a atenção do que outros. Falar nisto é um bocadinho deselegante porque temos que falar em nomes, e isto não é em detrimento de nenhum outro é porque acontece, não é?... Acho que uma das secções mais bem concebidas é o "Pense Nisto" do Henrique. Não sei porque é que ele tem sempre aquela arte de me por a pensar. Mas acho que tem piada, ainda há bocadinho descobri um que ainda não tinha pensado a propósito de números figurados. Deve ser um daqueles que me apanhou numa altura má e arrumei a revista. Outro que achei extremamente curioso, esse mais recente, é um artigo do Eduardo, A "Susana e as Sombras", que é a escola do ano 2000 — é uma delícia aquele artigo, acho-o de facto um espanto. Como é que se dá um recado tão bem dado, assim numa ficção. Não é só o conteúdo, acho que ali — do ponto de vista didáctico é de uma riqueza espantosa. Mas a forma que ele escolheu para o apresentar, acho que não há ninguém que não fique sensibilizado com a leitura daquele artigo. A secção dos "Materiais Para a Sala de Aula" parece-me que é muitíssimo útil e é uma secção que eu procuro. E é precisamente para essa secção que eu estava a pensar em fazer proximo, dois textozinhos. Um deles a partir de um trabalho de um dos meus alunos do 12º ano e um outro sobre história da matemática. Também considero muito importante a secção "Para este número seleccionámos", em que aparecem artigos traduzidos. Dá uma boa divulgação de mensagens, de ideias, de obras e acho que isso é muito útil. Além das informações em geral, sobre congressos, encontros, etc..

EM- Gostas de uma grande variedade de coisas...

MJC- Se calhar, quer dizer que sou uma má consumidora, sou pouco selectiva. Mas vou dizer-te outra coisa: se calhar, o que eu devia

gostar mais era dos editoriais e quase nunca chego ao fim, não tenho paciência. São curtos...

EM- Isso é muito curioso ...

MJC- É certo e sabido que eu leio na diagonal, depois, eventualmente, volto atrás e tal; mas à partida, é sempre lido na diagonal. Não sei se me habituei assim, com a curiosidade de ver o resto da revista. Não sei, sei que o Editorial, coitado...

EM- Lês à pressa para ler o resto?

MJC- Se calhar, começou por isso e como depois de lido na diagonal raramente me chamava a atenção para algum pormenor eu avançava. É verdade...

EM- Se calhar, porque são opiniões mais superficiais...

MJC- Se calhar, talvez, não sei..

EM- Agrada-te que a revista tenha um número temático anual?

MJC- Por princípio, desagrada-me a ideia, porque a nossa actividade é polifacetada, nós temos que nos interessar por muitas coisas; o meu receio de haver um número temático é, de facto, abordar um só assunto e que seja o último a interessar-me.

EM. E isso tem-se verificado? Ou achas que os temas dos números temáticos têm sido bem escolhidos, oportunos? Haveria outros? Tens algumas sugestões a fazer?

MJC- Vamos por partes, achei o de história uma maravilha. Já tive ocasião de te dizer isso, achei-o muito bom. Depois penso que há um sobre a sala de aula, há outro sobre...

EM- Há vários. Há uns sobre modelação e aplicações da matemática. Há outro sobre a reforma. Há outro sobre os professores de matemática... Já são alguns...

MJC- De todos esses o que eu prestei menos atenção foi ao da reforma porque eu andava, e ando, já a ficar tão saturada da reforma, que já não posso ouvir falar dela.

EM- Mas foi logo no início.

MJC- Pois, o problema é que já passaram por mim, não sei quantas

reformas e houve uma reforma que me apaixonou imenso, foi a reforma do unificado. Eu lutei por aquela reforma tanto ou mais que algumas das pessoas estão a lutar por esta.

EM- Tu achas que a nossa revista tem acompanhado de uma forma adequada a reforma?

MJC- Se juntarmos à revista as oportunidades que a APM tem dado ao longo de todos os ProfMat que têm ocorrido durante estes tempos, além de outros momentos, nomeadamente, organizados por núcleos, etc. Acho que há bastantes coisas contempladas. Será falta de imaginação, mas não vejo assim, quanto mais se possa fazer. Acho que tem chamado a atenção para aspectos importantes, tem tomado posições, a revista tem divulgado a posição da direcção, dos sócios, tem dado espaço para isso. Desse ponto de vista tem lançado também comunicados na comunicação social, tem lançado opiniões...

EM- A APM.

MJC- A APM, portanto, no fundo, por um lado é a APM, por outro é a revista. Embora por vezes as confundam, uma vez que a revista é o órgão de informação da APM, ou o cartão de visita, não sei, mas é assim aquilo que vai a todo o lado, a direcção não pode ir.

EM- Também há o ProfMat...

MJC- Sim, e eu acho que o ProfMat tem tido um papel importantíssimo na formação. Eu tive alguns momentos de formação importantes, por atacado, aqueles que são assim calendarizados. Só de uma vez tive uma acção de duzentas e tal horas! Mas tirando esses momentos formais, tanto o ProfMat como a revista têm contribuído para a minha formação, acho que para a minha e para a dos outros. A nível de troca de experiências informais (no corredor, no cantinho, à mesa enquanto se toma café), acho que aqueles momentos têm sido ricos. Têm sido pólos de

desenvolvimento na educação matemática, talvez mais do ponto de vista didáctico, do que do ponto de vista científico. Hoje não sei se teremos, também, que começar a pensar no ponto de vista científico, assim como temos que pensar, seriamente e cada vez mais, nas disciplinas, digamos assim, onde a matemática se vai aplicar na vida real para podermos dar seguimento ou cumprimento a algumas recomendações dos programas. Eu diria que a APM tem que começar, por intermédio da revista e do ProfMat, a insistir um bocado em sessões sobre matemática e física, etc. Acho que se calhar temos que ir mais longe, porque as ambições, a nível de programas, são agora maiores. Assim como numa determinada altura se reconheceu que o professor precisava de um apoio didáctico, começa a ser a altura de pensar que o professor precisa, também, de apoio científico.

EM- Achas que a revista deveria conter mais artigos sobre temas de matemática mesmo?

MJC- Provavelmente, eu receio que sim, porque a nível da formação de professores damos conta de algumas



Foto: Paula Canavarro

falhas, que eu acho que alguém tem de ajudar a colmatar. Isto não é fazer qualquer ataque a nenhuma estrutura, mas a verdade é que cada um fica com a formação que fica...

EM- Há pouco referiste que te agradava o facto de não serem sempre as mesmas pessoas a escrever. Nós temos feito um esforço de ter um número cada vez maior de colaboradores. Aliás criámos a secção "Pontos de Vista" nos últimos tempos, precisamente para incentivar a colaboração das pessoas, mesmo que seja com um pequeno comentário. Quando sabemos que alguém fez alguma coisa que pode originar um artigo para a revista, vamos ter com ela e pedimos-lhe para escrever. Mas continuamos a confrontar-nos com esta dificuldade de as pessoas não escreverem espontaneamente. Qual é a explicação que tu tens para isto?

MJC- Eu acho que hoje se escreve mal e pouco. É uma pecha da época, e portanto eu nem acho mal que peçam artigos da forma como tu descreveste. Há uma coisa que é importante: a revista tem que divulgar qualidade e, apesar de ser extremamente desagradável, acho que há alturas em que a revista teria que se confrontar com a situação de recusar artigos, porque estão mal escritos, porque não interessam, etc, etc, etc...

EM- Nós temos actualmente um processo de revisão, e quando achamos que o artigo deve ser sujeito a alterações, contactamos os autores e pedimos para eles efectuarem as devidas reformulações, em que nós damos sugestões que pensamos irem contribuir para que o artigo melhore.

MJC- Não sabia disso. Agora acho que fazer esses contactos é extremamente importante. Eu não sei porque é que as pessoas não escrevem, sobretudo num correio de leitores. Eu há pouco ia referir, e depois esqueci-me, a possibilidade das pessoas darem as suas pequenas mensagens. É assim que se começa, também, a ganhar gosto por escrever. Isso pode ser uma razão da dificuldade que as pessoas têm em escrever. Acho

também que há alguma dificuldade das pessoas em porem em comum aquilo que se passa com elas. Porque eu acredito que até existem mais experiências do que aquelas que são divulgadas. A verdade é que ao nível de pequenos grupos de trabalho, por vezes, vê-se que há muita dificuldade em nós falarmos do que fizemos, uns por extrema modéstia, outros por demasiada censura, não sei... Agora há uma coisa que eu acho: não é por a revista ser intimidatória! Acho que ela não intimida ninguém a expor lá a sua ideia. O facto de em quase todas as revistas aparecerem aqueles nomes que nós conhecemos, que encontramos no ProfMat, com quem fizemos já uma sessão prática, ouvimos uma palestra, etc., isso dá-me assim um certo à-vontade dentro daquele conjunto. No fundo, sendo a revista o modo de divulgar como a Associação pensa, e a Associação somos todos nós, era capaz de ser mais fácil pensarmos que vamos trocar experiências, que vamos dizer o que se está a passar connosco. Eu, pessoalmente, sentia-me na obrigação de dizer àqueles que me ajudaram a aprender determinadas coisas, que depois eu fiz isto do que aprendi com eles. Isso, talvez, tenha sido o motor para escrever determinadas coisas. Numa determinada altura ou numa determinada faceta, quem impulsionou mais a minha formação foi a SPM e nessa altura eu enviei um artigo para a SPM e não o enviei para a APM, por exemplo. Talvez porque eu acho que é uma forma que eu tenho de dizer à revista e a quem me ajudou: "Olha eu consegui fazer isto, é pouco mas de qualquer modo aquele tempo que tu me dedicaste não foi perdido". Eu não acho que o que eu escrevo tem que ser lido por toda a gente, não é isso! É muito mais a retribuição ou a resposta àquilo que alguém me deu e não por achar que estou a fazer um trabalho acabado, um produto modelo. Convém que não tenha erros nem de construção, nem de ortografia, nem de matemática, nem de educação... mas não tem que ser uma obra prima acabada.

EM- Maria José, em jeito de remate, tenho uma última pergunta. Gostava que tu sintetisasses qual é, na tua opinião, o papel e a importância da revista para os professores de matemática, em especial para os sócios da APM que a recebem.

MJC- O papel principal tem sido, a meu ver, a formação que ela tem permitido, a troca de experiências, ideias e sugestões. Acho que pela afirmativa ou pela negativa, são sempre promotoras de discussão e de reflexão. Porque nem que seja uma coisa que me desagrade, faz-me pensar nela, e se me faz pensar nela, vai obrigar-me a arranjar argumentos para a rejeitar ou, pelo contrário, arranjar mais argumentos para a aceitar. Desse ponto de vista há enriquecimento e se há enriquecimento há formação. Tem também o papel de ser o tal elo de ligação entre nós todos, que apesar de termos nome, porque assinamos os artigos, por vezes não nos conhecemos. Depois até tem muita piada quando num ProfMat nos dizem: "Ai tu afinal é que escreveste aquilo!". Andamos a falar das coisas e a saber o que é que vamos fazendo, sem saber quem somos, só temos um elo comum que é ser sócios da APM. Isso, para mim, é de facto muito importante.

EM- Alguma sugestão final?

MJC- Em relação aos números temáticos, não sei se não poderia haver um sobre Geometria... Podia fazer-se, com o número temático, duas coisas ao mesmo tempo, que era ensinar um pouco Geometria, e ensinar, também, história da Geometria. E talvez, sei lá, discutir o forte peso que tem agora a Geometria nos programas. Isso parece-me muito importante, porque tem que haver razões para se ensinar Geometria! Não quer dizer que se vá preterir a Álgebra, mas talvez a Geometria tenha direito a ter esse predomínio e parecia-me que no número temático isso podia ser valorizado.

EM- Parece-me uma boa sugestão. Obrigada.